

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECOMIA BACHARELADO
ELISÂNGELA LUIZ

BIBLIOTECA ESCOLAR E SURDEZ: UM ESTUDO COM RESPONSÁVEIS
POR BIBLIOTECAS DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RIO GRANDE
- RS

Rio Grande, RS

2014

ELISANGELA LUIZ

BIBLIOTECA ESCOLAR E SURDEZ: UM ESTUDO COM RESPONSÁVEIS
POR BIBLIOTECAS DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RIO GRANDE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado no Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Rio Grande como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Renata Braz Gonçalves

Rio Grande, RS

2014

L 953b

Luiz, Elisângela de Souza

Biblioteca escolar e surdez: um estudo com responsáveis por bibliotecas de escolas públicas na cidade do Rio Grande-RS / Elisângela de Souza Luiz; orientação da Prof^a.

Dr^a. Renata Braz Gonçalves. – 2014.

54f.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação em Biblioteconomia).

- Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande – RS, 2014.

1. Biblioteca escolar 2. Alunos surdos 3. Deficiência auditiva.
4. Acessibilidade. I. Gonçalves, Renata Braz. II. Título

CDU: 027.8

Catálogo na fonte: Renata Braz Gonçalves CRB 10/1502

ELISANGELA LUIZ

BIBLIOTECA ESCOLAR E SURDEZ: UM ESTUDO COM RESPONSÁVEIS
POR BIBLIOTECAS DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RIO GRANDE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado no Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Rio Grande como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia.

Data de aprovação

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a Renata Braz Gonçalves (orientadora)

Prof^a. Dr^a Gisele Vasconcelos Dziekaniak (FURG)

Prof^a Esp. Magali Martins Aquino (FURG)

Bacharel em Biblioteconomia Grazielle Lopes de Oliveira (FURG)

Resumo

Este trabalho tem por finalidade descrever a investigação sobre o tema acessibilidade e biblioteca escolar. Buscou-se averiguar como os bibliotecários que trabalham em bibliotecas escolares estão instrumentalizados para atuar com um público tão específico como os usuários surdos. Foi necessário realizar alguns levantamentos, tais como: bibliográfico, de grades curriculares dos cursos de biblioteconomia, a existência de associações para surdos, escolas que atendem alunos surdos na cidade do Rio Grande, o número de pessoas com deficiência auditiva também na cidade do Rio Grande. Também foram realizadas visitas às escolas, E. M. E. F. Frederico Ernesto Buchholz, E. M. E. F. Admar Corrêa, E. M. E. F. Sant'Ana e E. E. E. F. Barão de Cêro Largo, para observar, fotografar, aplicar o questionário com os profissionais que atuam nas bibliotecas, pois essas escolas possuem alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados. A pesquisa concretizou-se como de abordagem qualitativa e compreendeu em análise dos espaços e das respostas dos questionários, relacionando aos dados gerais sobre a cidade, e outros resultados obtidos no levantamento. Após análise dos resultados foi possível constatar que a cidade do Rio Grande possui quatro escolas de ensino fundamental atendendo os alunos com deficiência auditiva. Porém, estes alunos não costumam frequentar a biblioteca de sua escola, e as mesmas não encontram-se preparadas para atendê-los. Existem algumas bibliotecas que é difícil até de usuários ditos normais se locomoverem dentro do ambiente, também os profissionais não estão preparados para tal atividade, pois eles não recebem treinamento antes de iniciar o seu trabalho, também não existe um trabalho voltado aos alunos surdos ou com alguma deficiência auditiva nas bibliotecas escolares. Sugere-se que façam atividades voltadas aos alunos surdos e que estes alunos tenham acesso a computadores preparados para eles.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Alunos surdos. Deficiência auditiva. Acessibilidade.

Abstract

This study aims to describe the research on the topic accessibility and school library. We tried to find out how librarians working in school libraries are exploited to work with such a specific audience as deaf users. It was necessary to make some surveys, such as literature, the curricula of library science courses, the associations for the deaf, schools serving deaf students in Rio Grande, the number of people with hearing impairment also in Rio Grande. There were also visits to schools, EMEF Frederico Ernesto Buchholz, EMEF Admar Corrêa, EMEF Phillips and ESE Baron of Cerro Largo, to observe, photograph, administer the questionnaire with the professionals who work in libraries, because these schools have deaf students or with hearing disabilities enrolled. The research has been realized as a qualitative approach and included in analysis of spaces and questionnaire responses, relating to general data about the city, and other results of the survey. After analyzing the results it was found that the city of Rio Grande has four elementary schools serving students with hearing impairment. However, these students do not usually go to your school library, and they are not prepared to meet them. There are some libraries that is difficult even called normal users move around within the environment, the professionals are not prepared for such activity because they do not receive training before starting your work, there is not a focused work to deaf students or some hearing loss in school libraries. It is suggested to do activities related to deaf students and these students have access to computers prepared for them.

Keywords: School library. Deaf students. Hearing impairment. Accessibility.

Lista de ilustrações

Fotografia 1 - Biblioteca Álvaro Delfino, escola Frederico Ernesto Buchholz	26
Fotografia 2 - Mesa de estudo e acervo biblioteca Mundo Encantado, escola Admar Corrêa	27
Fotografia 3 - Mesas das responsáveis pela biblioteca, da escola Admar Corrêa	27
Fotografia 4 - Espaço para orientação dentro da biblioteca Admar Corrêa	28
Fotografia 5- Mesas para atividades com os alunos na biblioteca da escola Sant' Ana	29
Fotografia 6 - Espaço entre estante e mesa, biblioteca da escola Sant' Ana	29
Fotografia 7 - Acervo e espaço da biblioteca Suely Zogbi, escola Barão de Cêrro Largo	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	OBJETIVOS	8
1.1.1	Objetivo geral	8
1.1.2	Objetivos específicos	8
1.2	QUESTÃO DA PESQUISA	9
1.3	JUSTIFICATIVA	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Importância da biblioteca na escola	12
2.2	Educação especial e inclusão	13
2.3	Bibliotecas para pessoas surdas	17
2.4	O bibliotecário e as pessoas com surdez	19
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4	RESULTADO E DISCUSSÃO	23
4.1	Biblioteca Álvaro Delfino, escola Ernesto Buchholz	25
4.2	Biblioteca Mundo Encantado, Escola Admar Corrêa	26
4.3	Biblioteca Walter Robinson, Escola SANT' ANA	28
4.4	Biblioteca Suely Zogbi, Escola Barão de Cêrro Largo	30
4.5	Sobre formação e preparo dos profissionais	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	Referências	39

Apêndice A – Questionário enviado para o pré-teste.....	42
Apêndice B – Tabulação dos dados.....	44
Apêndice C – Sugestões de materiais que podem ser utilizados para trabalhar com pessoas surdas.....	48
Anexo A - Quadro 3 - Levantamento pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos com alguma dificuldade.....	49
Anexo B - Quadro 4 - Levantamento pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos com grande dificuldade.....	50
Anexo C - Quadro 5 - Levantamento pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos que não conseguem de modo algum.....	51
Anexo D – Termo de consentimento livre e esclarecido	53

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade descrever a investigação sobre o tema acessibilidade e biblioteca escolar. De acordo com algumas leituras realizadas para essa atividade, foi possível averiguar que, nos últimos anos o assunto passou a ser discutido com mais clareza e começou-se a falar sobre a inclusão na escola. Embora isso deva acontecer não só em sala de aula, mas também na biblioteca e em todo ambiente escolar, os textos que tratam de inclusão em bibliotecas escolares são ainda muito raros.

O trabalho em questão buscou averiguar como os bibliotecários que trabalham em bibliotecas escolares, estão instrumentalizados para atuar com um público tão específico, que são os usuários surdos.

Além disso, teve a intenção de averiguar qual seria a opinião do bibliotecário em relação ao currículo do Curso de Biblioteconomia, e em relação às especializações, que podem ser realizadas para melhorar o trabalho com alunos especiais em bibliotecas escolares.

Este trabalho está dividido em capítulos, o primeiro capítulo, ou seja, a introdução irá mostrar os objetivos, questões da pesquisa e justificativa. O segundo capítulo trata do referencial teórico. No terceiro capítulo serão indicados os procedimentos metodológicos. E no quarto capítulo serão apontados e discutidos os resultados e conclusão da pesquisa. A seguir serão apresentados os objetivos da pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Averiguar como as bibliotecas escolares da cidade do Rio Grande e equipes que atuam nas mesmas, estão preparadas para atender alunos com deficiência auditiva.

1.1.2 Objetivos específicos:

- Identificar quais escolas atendem alunos surdos na cidade do Rio Grande;
- Identificar se, as referidas escolas possuem biblioteca e bibliotecário na escola;
- Averiguar se existem materiais, direcionados a surdos no acervo da biblioteca;

- Investigar qual a formação do responsável pela biblioteca, se o mesmo procurou fazer cursos de aperfeiçoamento por conta própria, ou recebeu algum auxílio ou curso de capacitação para trabalhar com alunos especiais na escola;
- Apurar quais as dificuldades, enfrentadas pelos bibliotecários ou responsáveis, em relação ao atendimento das pessoas com deficiência auditiva, e quais atividades são oferecidas a eles por parte da biblioteca;
- Verificar se existe um trabalho em conjunto entre o bibliotecário e o pedagogo com a finalidade de atender aos alunos surdos;
- Averiguar a opinião do bibliotecário sobre currículo do curso de biblioteconomia em relação à disciplina de LIBRAS;
- Consultar a opinião dos bibliotecários sobre seu preparo para atuar em bibliotecas escolares, e principalmente com alunos especiais;
- Identificar a oferta de disciplinas voltadas à acessibilidade nos currículos de cursos de biblioteconomia do estado.
- Apurar quais escolas apoiam os profissionais que queiram se aperfeiçoar.

1.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Os profissionais que atuam em bibliotecas escolares estão preparados para trabalhar com alunos surdos?

1.3 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa surge de algumas inquietações, que possibilitaram provocar reflexão sobre a temática, tais como:

Será que estamos concluindo o curso, realmente preparados para trabalhar com alunos especiais? E após sairmos da faculdade, o que estamos fazendo para melhorar nosso preparo em relação aos alunos especiais? Temos verdadeiramente, o apoio necessário para isso?

Acredita-se que os resultados dessa pesquisa sejam válidos, pois há pouca discussão sobre alunos surdos em bibliotecas escolares, dessa forma esses resultados poderão servir de base para a rede escolar, porque mostrarão as dificuldades dos profissionais que trabalham em bibliotecas para se comunicar e se atualizar em relação aos alunos surdos, ou com alguma deficiência auditiva.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a discussão teórica sobre o tema. Procurou-se trabalhar com os seguintes tópicos, importância da biblioteca na escola; educação especial e inclusão em geral e no contexto da cidade do Rio Grande; biblioteca para pessoa surda; e o bibliotecário e as pessoas com surdez.

Em uma busca realizada na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), foi possível averiguar que existem muitos materiais que tratam a respeito de biblioteca escolar, um exemplo é o artigo “Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte” de Bernadete Campello (2013, p.123), que fez uma pesquisa sobre a produção científica sobre o tema biblioteca escolar no período de 1975 a 2011.

Contudo, verificou-se que há pouco material discorrendo sobre alunos surdos na biblioteca, apenas alguns trabalhos acadêmicos, algumas diretrizes, e a norma que fala a respeito de acessibilidade e comunicação.

Como documentos de referência sobre o tema biblioteca, há o Manifesto da biblioteca escolar da UNESCO /IFLA (1999), onde está descrita a missão da biblioteca escolar, e é apresentada uma orientação sobre financiamento, legislação, redes, objetivos da biblioteca escolar, pessoal que vai trabalhar, por exemplo, o bibliotecário e, o funcionamento e gestão e a aplicação do manifesto por parte do Ministério da Educação de cada país.

Também temos as Diretrizes para biblioteca escolar da UNESCO (2005), que veio para confirmar o que já havia sido discutido no Manifesto, só que foi além, pois determinou o melhor local para biblioteca ficar localizada, o tipo de móvel que deveria ter, entre outras determinações importantes para o bom funcionamento de uma biblioteca escolar. Essas regras chegaram para facilitar a locomoção dos usuários com deficiência motora, e também de alunos cegos, dentro da biblioteca.

Além desses documentos citados anteriormente, existem alguns livros, artigos entre outros materiais, que proferem sobre biblioteca escolar, e quem escreve na maioria das vezes são pessoas da área de Biblioteconomia ou Ciência da Informação, tais como Bernadete Campello (2003), Maria Eugenia Andrade (2003), Lucia Helena Maroto (2009). Esses são alguns, dos nomes

mais conhecidos na área, mas existem outros autores com elevada importância.

Sobre educação especial encontramos livros e artigos, escritos na maioria das vezes, por profissionais da área da Educação e Pedagogia, tais como Sueli Fernandes (2011) entre outros autores, além de uma vasta produção realizada pelo Ministério da Educação (2010).

Em relação à acessibilidade, se aborda muito sobre a mesma na escola, de modo geral, porém sobre acessibilidade na biblioteca escolar escreve-se pouco, principalmente, quando se trata de alunos surdos ou com alguma deficiência auditiva. Tratando, especificamente desse assunto, existem algumas monografias e alguns trabalhos apresentados em Anais de eventos, discorrendo sobre biblioteca para surdos, mas não biblioteca escolar e sim biblioteca universitária. Dentre os trabalhos localizados destaca-se a monografia de Miguel Ângelo Bueno Portela e Daniel Arcanjo Bueno Portela (2011).

Sobre inclusão e acessibilidade, ainda existem também diretrizes e normas, tais como, Diretrizes para Serviços de Biblioteca para Surdos, editado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias. IFLA (2000, p.9), onde diz que

Instituições de ensino na área da biblioteconomia devem oferecer treinamento no provimento de serviços para a comunidade surda, como parte regular de seu currículo básico de preparação de bibliotecários, para sua qualificação profissional, e como parte dos programas de educação continuada para todos os níveis de funcionários da biblioteca.

Além disso, há algumas normas como a NBR 15599:2008 que aborda acessibilidade e comunicação, para ser mais específico na página 10, que trata sobre o espaço físico, do pessoal capacitado para atendimento de pessoas com deficiência e do acervo.

Assim como, a NBR 9050:2004 que determina padrões para o mobiliário, espaços e equipamentos, e também discorre sobre sinalização para pessoas com deficiência auditiva, que devem ser efetuadas através de textos ou figuras, mostrando a saída, alerta de perigo entre outras informações importantes sejam elas temporárias ou permanentes. Nesta norma também fica determinado o local mais indicado para o intérprete de LIBRAS estar posicionado para orientar os usuários.

2.1 Importância da biblioteca na escola

Segundo o Manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO (1999), ela é um local muito importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos, pois nela existem outros recursos que podem ser utilizados para complementar a educação do aluno e com isso tornarem-se pensadores e utilizadores da informação em qualquer meio ou suporte.

A biblioteca escolar quando bem estruturada e utilizada faz realmente a diferença na educação de qualquer aluno, existe uma pesquisa realizada nos Estados Unidos que, segundo Andrade (2003, p.13), mostra “[...] que estudantes de escolas que mantêm bons programas de bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes”.

Isso vem mostrar que realmente a biblioteca é importante para complementar a educação, e para que isso ocorra é necessário um trabalho em equipe entre professores e bibliotecários. Segundo, Côrte (2011, p.12), o professor deve participar junto com o bibliotecário da seleção de recursos de informação para a biblioteca. Mas, não é bem isso que acontece na maioria das bibliotecas escolares.

Atualmente, ainda há escolas sem bibliotecas ou em situações complicadas, sendo utilizadas como depósito ou como forma de punição para alunos indisciplinados, segundo Maroto (2009, p.57), as bibliotecas escolares,

quando existem, constituem-se geralmente em verdadeiros “depósitos de livros”, em mero enfeite da escola, pois se encontram submetidas a um sistema de ensino onde as fontes de informação, na maioria das vezes, são o professor e o livro didático, dificultando e suprimindo assim o trabalho criativo, crítico e consciente, dentro e fora do espaço escolar. [...]. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto”.

Contudo, para que seja realizado um trabalho de qualidade, é necessário um equilíbrio entre poder público, professores e bibliotecários para um bom funcionamento da biblioteca. Segundo Silva (1995, p.76), a biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do fazer coletivo entre aqueles que frequentam a escola, sejam eles alunos, professores e demais grupos sociais.

Concordamos com Silva (1995, p. 76) quando ele diz que, “[...], cabe ao profissional em atuação na biblioteca torná-la objeto de reflexão e espaço de participação para todos os segmentos da escola e da comunidade na qual ela se insere”.

Pois, sem a participação de todos envolvidos, dificilmente as bibliotecas escolares deixarão de ser depósitos de livros, local de castigo para aqueles alunos indisciplinados. No entanto, existem aquelas bibliotecas onde os alunos frequentam por gostarem do ambiente, por ser local agradável. Isso significa que ainda existe esperança que num futuro próximo, a biblioteca realmente se torne um local onde todos convivam em total harmonia.

2.2 Educação especial e inclusão

Educação especial na escola regular é algo recente, pois começou com a união de pais e familiares que queriam matricular seus filhos em escolas regulares, mas ficavam impedidos de matriculá-los, isso começou a ser mudado na década de 1960, quando segundo Fernandes (2011, p.67),

[...] um amplo movimento contextualizado nos países nórdicos, como Dinamarca, Islândia e Suécia, formado por pais, amigos e familiares de pessoas com deficiência, que se estende aos Estados Unidos e rapidamente se espalha pelo mundo, reivindicando o direito de matrícula dos alunos “especiais” em escolas regulares para estudar com as demais crianças e jovens.

Esse movimento chegou até o Brasil a partir da década de 1970, pois foi a partir desse momento que o poder público começou a reconhecer os direitos das pessoas com deficiência. Segundo Fernandes (2011, p.68), foi criado o “Centro Nacional de Educação Especial (Cenesp), também no governo Médici, em 1973, o órgão conhecido como Cenesp, era ligado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC)”, e tinha como objetivo oportunizar a educação às pessoas com alguma deficiência, porém só tomou força nas décadas de 1990 e 2000.

Um ato muito importante foi resultado da Conferência Mundial de Educação, realizada na cidade de Salamanca, na Espanha em 1994, pois nessa assembleia os participantes criaram o documento conhecido como a Declaração de Salamanca confirmando os direitos das pessoas com deficiência à educação.

Neste documento ficou descrito que

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades,
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (UNESCO, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994)

Contudo, ainda nos dias atuais, existem muitas dificuldades enfrentadas pelos pais dos alunos com alguma deficiência, pois teoricamente é para haver inclusão em todas as escolas, mas ainda tem escolas que negam esse direito aos alunos alegando não estarem preparadas para recebê-los, como diz Fernandes (2011, p.85)

O esforço para “integrar deficientes” operou, contraditoriamente, para a formação de espaços considerados menos apropriados para a consecução desse objetivo, posto que aqueles que mais necessitavam do esforço de um trabalho multidisciplinar para aprender tinham sua matrícula recusada nas escolas regulares e eram empurrados para a margem do sistema.

Mesmo tendo tantas leis em nosso país alegando os direitos garantidos a eles, ainda existe uma exclusão mesmo que involuntária, às vezes por falta de investimento e talvez por falta de vontade.

Sabemos que, cada deficiência requer um atendimento específico. Quando se trata especificamente de deficiência auditiva, é importante abordar dois conceitos que estão interligados, que seriam eles: Cultura Surda e Identidade Surda.

Segundo Sá (2002, p.83), cultura surda é a “forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social, assim, concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social”. Isso quer dizer que eles lutam para se impor em um grupo igualitário e em relação a identidade.

Sá (2002, p.96) relata que “O entendimento sobre questões das identidades está diretamente relacionado com a noção de linguagem, porque a constituição da subjetividade dá-se pelo exercício do poder da linguagem”. Isso quer dizer que a identidade é mais complexa, pois mistura fragmentos sociais e culturais, e, às vezes, sem intenção de fazer mal, alguns profissionais tais como professores, educadores até mesmo os cuidadores esquecem esses dois preceitos e tentam mudar os hábitos dos surdos impondo-lhes,

[...] ao modelo da cultura ouvinte que lhes é imposto como a norma, como o melhor, como o desejável. As políticas de significação informam que, para ser feliz aceito e bem-sucedido, o surdo precisa ser como o ouvinte. Esta negação social das marcas culturais, linguísticas e identitárias das minorias, aqui no caso, dos surdos, na verdade, é uma forma de opressão. (SÁ, 2002, p.3)

Por esse motivo que devemos conhecer a cultura e identidade surda. É para evitar sempre que possível, excluir os alunos surdos na tentativa de incluí-los no ensino regular.

Um modo de incluir, seria cada escola possuir um intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como já é previsto pelo Ministério da Educação.

E para garantir, esse direito foi criado o Decreto nº 5.625, de 22 de dezembro de 2005, que garante as leis anteriores sobre o assunto, e ainda, determina que a disciplina de LIBRAS, seja obrigatória nos cursos de graduação em licenciatura e nos cursos de bacharelado passa a ser optativa.

O Decreto nº 5.625/2005, no art. 14 determina que,

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (BRASIL, 2005)

No Brasil, a LIBRAS é reconhecida pela Lei 10.436/2002, de acordo com Alves (2010, p.15) esta língua

é entendida como forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual – motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A língua de sinais é complexa segundo Alves (2010, p.14), pois, utiliza o canal visual- espacial articulando com as mãos, corpo e a expressão facial que

é muito importante em uma conversa, por que a expressão do rosto quer dizer muito. Outra coisa importante para destacar em relação a LIBRAS, é que ela não é uma língua universal, e até mesmo em nosso país existem algumas diferenças por conta de sua extensão.

Para utilizar a língua de sinais, existem parâmetros da articulação das mãos junto com o corpo. É importante no atendimento de alunos com surdez que tenhamos

os materiais e os recursos para esse fim precisam estar presentes na sala de atendimento Educacional Especializado, quais sejam: mural de avisos e notícias, biblioteca da sala, painéis de gravuras e fotos sobre o temas de aula, roteiro de planejamento, fichas de atividades. (DAMÁZIO, 2007, p.26)

Esses recursos deveriam ser utilizados no atendimento desses alunos, de preferência em horário oposto ao das aulas regulares, isso seria o ideal, mas nem sempre ocorre. Em nosso país, existem leis que incentivam a inclusão escolar de alunos com alguma deficiência, isso fica expresso no documento elaborado pelo grupo de trabalho nomeado pela portaria ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007 (BRASIL, 2010, p.9), no qual está escrito que

[...]. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Essa lei mostra que não deve haver exclusão de pessoas deficientes em nenhum ambiente, principalmente em um local tão importante como é a escola. Na cidade do Rio Grande, há um número considerado pequeno de escolas com alunos que possuem deficiência auditiva, tendo em vista que há tantas escolas na cidade, de acordo com o levantamento realizado para este trabalho. Isso talvez tenha outros motivos se, não, só o atendimento escolar, mas também envolve as famílias querer matricular os filhos na escola. Leis para garantir o direito à educação existem, mas as famílias precisam conhecer e participar.

Na cidade do Rio Grande existem algumas políticas públicas em relação aos alunos com deficiência auditiva. Por parte da Secretaria Municipal de Educação (SMED), segundo relato de uma funcionária, são fornecidos para as escolas monitores, também são realizadas palestras e cursos de formações para quem irá trabalhar com os alunos. Os profissionais que atuam com os

alunos procuram trabalhar com o cognitivo dos mesmos não apenas colocá-los em sala de aula, mas também fornecem atendimento psicológico, quando necessário e segundo a informante os professores também irão passar por uma capacitação.

Em relação à 18ª CRE, a responsável pelo setor que trata justamente de inclusão, relatou que no estado a educação para deficientes auditivos é mais centralizada na E. E. E. F. Barão de Cerro Largo. Lá os alunos surdos tem atendimento na classe especial do pré ao 5º ano e os que possuem apenas uma deficiência mais leve ficam em classe regular, mas todos são atendidos na sala de recurso e multifuncional.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC) o programa de salas de recursos multifuncionais foi criado para apoiar no atendimento aos alunos que possui alguma deficiência, ou transtornos globais do desenvolvimento ou até mesmo aqueles estudantes considerados superdotados, que necessitem de um Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este programa disponibiliza às escolas equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade, basta que as escolas disponibilizem o espaço físico necessário para implantação desses materiais.

2.3 Bibliotecas para pessoas surdas

É complicado falar sobre biblioteca para pessoa surda, pois, não existem muitos trabalhos que discorrem sobre o assunto. Segundo, Pinheiro (2004, p.2), há um número reduzido de trabalhos produzidos falando sobre o uso da biblioteca por deficientes auditivos.

A biblioteca escolar é um organismo vivo, em uma escola e segundo as Diretrizes para bibliotecas escolares (2005, p.4), a missão dela, é

[...] propicia informação e idéias que são fundamentais para o sucesso de seu funcionamento na sociedade atual, cada vez mais baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Essa é a missão da biblioteca, mas, para isso ser possível é necessário mais do que boa vontade é preciso ter recursos financeiros para adquirir materiais, fazer treinamentos e outras despesas eventuais.

Outro ponto importante de falar sobre as bibliotecas escolares, é a respeito de seu espaço e localização, que de acordo com as Diretrizes da IFLA para bibliotecas escolares (2005, p.8), ela deve estar localizada em uma área central da escola e de fácil acesso, de preferência que não tenha muito barulho para não distrair os usuários, e sua luminosidade seja boa e temperatura também.

Outro item muito importante, que, às vezes, os profissionais esquecem de fazer em bibliotecas escolares, é o planejamento para atender aos usuários com alguma deficiência. E também um bom projeto para calcular as dimensões do acervo e de seu crescimento, outros elementos não aquém são o espaço para o balcão de atendimento, para os usuários, computadores, profissionais que trabalham na biblioteca, expositores, espaço para leitura, e flexibilidade para a promoção de outras atividades a serem realizadas na biblioteca, mudança no cronograma escolar e para novas tecnologias.

Sobre equipamentos eletrônicos, que podem ser muito úteis para se trabalhar com alunos com alguma deficiência, principalmente com alunos surdos, de acordo com as Diretrizes da IFLA para bibliotecas escolares (2005, p.10), são computadores de preferência com acesso à internet se possível, catálogos de acesso público adequado a diferentes faixas etárias e de escolaridade para que eles consigam encontrar o que procuram sem ser totalmente dependente do bibliotecário, scanners para quando for necessário, e projetores de vídeos que são muito importantes, pois é através deles que poderão ser passados diversos vídeos para auxiliar no trabalho do profissional responsável pela biblioteca, com os usuários surdos, pois eles utilizam muito o sentido da visão.

Depois de falar sobre as diretrizes da biblioteca escolar, vamos discutir um pouco a respeito de biblioteca inclusiva, pois a biblioteca é um lugar de livre acesso a qualquer pessoa interessada em informação e segundo Pupo (2006, p.10),

[...] as questões do acesso à informação a todas as pessoas, independente de suas capacidades, limitações físicas ou sensoriais; mas tenciona alcançar os profissionais que têm por missão

intermediar, possibilitar e facilitar o acesso de quaisquer cidadãos ao conhecimento gerado e quase sempre impresso em algum suporte físico: papel, fitas gravadas, CDs, DVDs, disquetes e demais meios eletrônicos permitidos pelo avanço das novas tecnologias da informação e comunicação-TIC's.

Isso, quer dizer que, independente das limitações das pessoas, tendo um bom mediador, qualquer um poderá ter acesso às informações dispostas no local. E para isso, ser possível é bom ter pelo menos uma pessoa que os alunos confiem.

As diretrizes para serviços de bibliotecas para surdos (IFLA Relatórios profissionais, n.24, 2000, p.10), dizem que toda a equipe técnica das bibliotecas deve receber treinamento em como comunicar-se com alunos surdos de forma efetiva, e no acervo além dos materiais de costume, é bom ter livros que falem sobre a cultura surda, e que tenham mais ilustrações do que texto, pois alguns alunos podem ter dificuldade para ler e escrever. Dessa forma é importante que atentemos para a figura do bibliotecário, assim, discorreremos sobre o bibliotecário e as pessoas com surdez.

2.4 O bibliotecário e as pessoas com surdez

O bibliotecário escolar é parte integrante em uma escola, pois ele faz o papel de mediador da informação, ele não está na biblioteca apenas para entregar livros ou tirar pó das estantes como algumas pessoas ainda creem, ele se encontra neste lugar para auxiliar tanto os alunos, como também os professores. Segundo Silva (2005, p. 125), “as atividades vão além do empréstimo e preparo técnico do acervo porque a biblioteca pode ser utilizada como espaço pedagógico”.

Nas escolas, o bibliotecário pode ser uma peça chave para trabalhar junto com os professores e pedagogos, para incentivar os alunos, a fazer mais leituras principalmente, aqueles alunos com mais dificuldade. De acordo com Silva (2005, p.125) “a prática da leitura estimulada pelo bibliotecário escolar pode instigar os estudantes para novos conhecimentos, ajudando em sala de aula deixando-os mais, curiosos e críticos.”

O trabalho do bibliotecário/profissional responsável pela biblioteca passa a ser mais importante, ainda, quando ele se encontra preparado para atender

alunos surdos ou com alguma deficiência auditiva, pois em alguns momentos é complicado para estes alunos encontrarem algum material e, em muitos casos, possuem dificuldades com a linguagem escrita. É importante que, pelo menos, uma pessoa saiba se comunicar para ajudar, pois nem sempre o intérprete de LIBRAS poderá estar acompanhando os alunos.

O bibliotecário/profissional responsável pela biblioteca precisa ser muito ágil para preparar os alunos para as mudanças do dia a dia, pois atualmente as coisas mudam rapidamente com as novas tecnologias. Segundo Campello (2003, p.9)

[...], as crianças e jovens de hoje precisam aprender a pensar de forma lógica e criativa, a solucionar problemas, a usar informações e comunicar-se efetivamente. As correntes pedagógicas construtivista, segundo as quais o aluno aprende a partir de suas experiências e construindo ele próprio seu conhecimento, privilegiam a aprendizagem baseada no questionamento e utilizam estratégias didáticas adequadas à preparação da pessoa para viver na chamada sociedade da informação.

Indo ao encontro com a chamada sociedade da informação, para os alunos que possuem deficiência auditiva alguns mecanismos utilizados, os ajudam em muitos casos até na comunicação, tais como recursos eletrônicos, materiais impressos e internet. Quando disponíveis, na biblioteca são muito importantes para o trabalho do bibliotecário junto aos alunos surdos.

Pois, existem diversos níveis de deficiência auditiva segundo Campos e Silveira (1998, p.[4]),

O deficiente auditivo é aquele que possui perda total ou parcial da audição.

- É possível classificar as dificuldades auditivas em:
- Surdez Leve: perda auditiva entre 20 dc e 40 dc;
- Surdez Média: perda auditiva entre 40 dc e 70 dc;
- Surdez Severa: perda auditiva entre 70 dc e 90 dc;
- Surdez Profunda: perda auditiva acima de 90 dc.

As principais causas são a meningite, rubéola em gestante, acidentes e poluição sonora.

Em muitos casos, esse tipo de deficiência pode ser prevenido se as futuras mães fizerem todos os exames preventivos antes de engravidar e também o pré-natal.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A classificação da pesquisa é de natureza qualitativa, pois segundo Appolinário (2009, p.61) a “pesquisa qualitativa prevê a coleta de dados do pesquisador com o pesquisado”. O tipo de pesquisa é descritiva, pois irá descrever os dados coletados, e transversal de campo pois foram aplicados questionários em um curto período de tempo. As atividades realizadas foram listadas passo a passo, como segue.

O primeiro passo previsto para a pesquisa foi realizar o levantamento bibliográfico sobre o tema. O segundo passo, foi o levantamento das grades curriculares dos cursos de Biblioteconomia no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Universidade de Caxias do Sul – UCS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para averiguar se estão sendo ofertadas disciplinas que possam ajudar no trabalho com alunos especiais, neste caso específico, os que possuem surdez.

O terceiro passo, foi realizar um levantamento para ver se existe associação de surdos no Rio Grande do Sul, para essa atividade foi utilizada a pesquisa na internet.

O quarto passo, foi investigar e fazer um levantamento das escolas regulares da cidade do Rio Grande que possuem alunos com deficiência auditiva matriculados.

Para isso, foi necessário entrar na página da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e página da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (18º CRE), para apanhar o nome e telefone de cada escola para entrar em contato. A partir desses dados e a partir de ligações telefônicas, foi possível localizar 11 escolas que possuem alunos com alguma deficiência, porém dessas, cinco possuem alunos surdos matriculados. No entanto, a pesquisa foi aplicada em quatro.

O quinto passo, foi fazer um levantamento das pessoas com deficiência auditiva na cidade do Rio Grande, para isso foi necessário entrar na página do IBGE. Cujo resultado é apresentado no próximo capítulo.

O sexto passo, foi realizar o pré-teste, onde foi enviado por e-mail, em forma de questionário, as questões de pesquisa e posteriormente partiu-se para análise dos resultados parciais.

O sétimo passo, foi visitar as bibliotecas de cada escola pelo menos duas vezes, para observar, fotografar, aplicar o questionário aos responsáveis pelas bibliotecas, essas visitas foram realizadas no período de agosto a setembro de 2014. Houve uma escola que não foi possível realizar a coleta, mesmo tendo ido visita lá mais vezes fora desse período, a escola não autorizou a pesquisa.

O oitavo passo, foi tabular os dados. Para essa atividade foi necessário desmembrar cada questionário, com isso foi possível visualizar com mais clareza cada questão e suas respostas, num processo de desconstrução do texto.

O nono passo, foi analisar os dados coletados para chegar aos resultados finais. Para essa análise, foi utilizada a tabulação com as respostas fornecidas através dos questionários, junto com essa análise foi realizada a discussão dos dados para chegar aos resultados que serão apresentados no capítulo seguinte. A análise dos dados baseou-se na metodologia da análise textual discursiva (GALIAZZI; MORAIS, 2011).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento realizado na página do IBGE, verificou-se com o censo de 2010, que a cidade do Rio Grande tem aproximadamente 4387 pessoas com deficiência auditiva com mais de dez anos de idade, por amostra, mas este censo não utilizou amostra de pessoas menores de dez anos, por conta disso ficou uma lacuna em relação às crianças. É como se as mesmas não existissem, como mostram os quadros em anexo (anexo a, anexo b e anexo c).

A seguir podemos observar o Quadro 2, com o total de pessoas com mais de 10 anos de idade com deficiência auditiva na cidade do Rio Grande, divididos por grau de dificuldade.

Quadro 2 – Pessoas com deficiência auditiva na cidade do Rio Grande com mais de dez anos de idade.

Nível de dificuldade	Nº de pessoas
Alguma dificuldade	3743
Grande dificuldade	615
Não conseguem de modo algum	29
Total	4387

Fonte: IBGE, Censo demográfico de 2010.

Colocando estes resultados em porcentagem, a cidade do Rio Grande, que no censo de 2010 possuía uma população de 197.228 habitantes, isso quer dizer que 2,22% da população rio-grandina possui deficiência auditiva, e esses números podem ser maiores ao considerarmos as crianças menores de 10 anos.

No levantamento sobre a existência de associações de surdos no Rio Grande do Sul, se confirmou que existe a Sociedade dos surdos do Rio Grande do Sul¹, que mostra a história da associação e também as notícias, entre outros assuntos. Verificou-se, que na cidade de Pelotas existe um blog da Associação de surdos chamado, “O Blog da Associação dos Surdos de

¹ Sociedade dos surdos do Rio Grande do Sul pode ser acessado no endereço: <http://www.ssrs.org.br/>

Pelotas”², e na cidade do Rio Grande não se encontrou registro de associação e nem escola para atendimento exclusivo para alunos surdos.

Os resultados acima descritos nos ajudam a interpretar e analisar os resultados da coleta de dados realizada nas escolas.

A partir do levantamento, realizado nas páginas da Secretaria Municipal da Educação (SMED) e Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (18º CRE), foi necessário realizar diversos telefonemas para as escolas a partir de então foram identificadas cinco instituições que possuem alunos com alguma deficiência auditiva, sendo quatro escolas regulares e mais o projeto escola Viva, como segue no quadro a seguir:

Quadro 1 - Levantamento de escolas, com alunos que possuem deficiência auditiva, matriculados.

Escola	Nº de alunos
E. M. E. F. Admar Corrêa Padre Caio	01 aluno
E. M. E. F. Frederico Ernesto Buchholz	01 aluno
E. M. E. F. Sant’ Ana	Não informou
E. E. E. F. Barão de Cerro Largo	Não informou
Escola Viva	

Fonte: A autora

Com esse levantamento foi descoberto que os alunos da escola Barão de Cerro Largo após completarem o quinto ano, na maioria das vezes, são transferidos para o Projeto Escola Viva, e os alunos matriculados na escola Sant’ Ana tem suas aulas no Projeto Escola Viva.

Dando início à análise e discussão dos dados coletados nas visitas as bibliotecas escolares da cidade do Rio Grande.

A partir das respostas obtidas com os questionários e também pela observação realizada nas visitas às bibliotecas, foi possível chegar aos devidos resultados.

Em visita realizada nas escolas, foi possível averiguar que as bibliotecas das mesmas, na maioria das vezes, possuem como responsável pelo atendimento de referência professores, e não bibliotecários. Por conta dessa observação, ficou explícito que as coisas não diferem muito do passado, onde

² O Blog da Associação dos Surdos de Pelotas pode ser acessado no endereço: <http://asp-1999.blogspot.com.br/>

quem era responsável por atender os usuários da biblioteca eram os professores que estavam em desvio de função por algum motivo.

Mesmo com todas, dificuldades averiguadas tais como, espaço, falta de alguns materiais, ainda existem profissionais que estão realmente preocupados em transformar a biblioteca em um espaço agradável para seus usuários. Segundo Silva (1995, p.76), a biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do fazer coletivo entre aqueles que frequentam a escola, sejam eles alunos, professores e demais grupos sociais.

Segundo Silva (1995, p.76)

[...], cabe ao profissional em atuação na biblioteca torná-la objeto de reflexão e espaço de participação para todos os segmentos da escola e da comunidade na qual ela se insere.

Essa atuação deve ser independente de sua graduação seja este profissional um professor, bibliotecário, pedagogo ou até mesmo um estagiário.

4.1 Biblioteca Álvaro Delfino, escola Ernesto Buchholz

A escola Frederico Ernesto Buchholz, possui a Biblioteca Álvaro Delfino. Atendida diariamente por uma pedagoga, que além de cuidar da biblioteca, tem outras tarefas durante o dia, uma delas, por observação realizada no local da visita é que no intervalo ela também é responsável por cuidar do bar da escola. Em relação ao aluno com deficiência auditiva, ela afirma desconhecer sua existência em conversa a parte ao questionário. Ela disse que os alunos especiais ficam na sala de recurso e multifuncional, e o aluno com deficiência auditiva não tem o hábito de frequentar a biblioteca. Outra constatação feita no local é em relação ao espaço, pois, não há como um cadeirante se locomover lá dentro, dificultando o acesso de outros alunos deficientes também.

A biblioteca é composta por cinco estantes dupla face, 21 estantes de madeira, três mesas redondas, uma mesa de oito lugares, dois armários, e mapoteca. Isso significa que tem muita coisa dentro da sala e pouco espaço para se locomover, como mostra a foto a seguir.

Fotografia 1 - Biblioteca Álvaro Delfino, escola Frederico Ernesto Buchholz



Fonte: a autora

Nesta biblioteca, os alunos especiais não costumam utilizar o seu espaço, muito menos o aluno com deficiência auditiva, pois a biblioteca não está preparada, nem física nem estruturalmente para atendê-lo, apenas os alunos “ditos normais” a frequentam para troca de livros que ficam expostos na mesa. Eles não tem o hábito de pegar materiais nas estantes, só o que fica na mesa a sua disposição.

4.2 Biblioteca Mundo Encantado, Escola Admar Corrêa

Na Biblioteca Mundo Encantado, da escola Admar Corrêa o atendimento é dividido entre duas professoras. No turno da manhã, a responsável é uma pedagoga e no turno da tarde quem atua é outra professora que também possui formação em biblioteconomia. Ambas lecionam no turno inverso ao atendimento dos usuários da biblioteca.

Na biblioteca dessa escola o ambiente é bem descontraído, apesar de o espaço ser pequeno, pois a sala mede 4m x 5,4m. Como mostra a foto a seguir.

Fotografia 2 - Mesa de estudo e acervo biblioteca Mundo Encantado, escola Admar Corrêa.



Fonte: a autora

Logo a seguir pode ser visualizada as mesas onde as responsáveis pela biblioteca trabalham.

Fotografia 3 - Mesas das responsáveis pela biblioteca, da escola Admar Corrêa

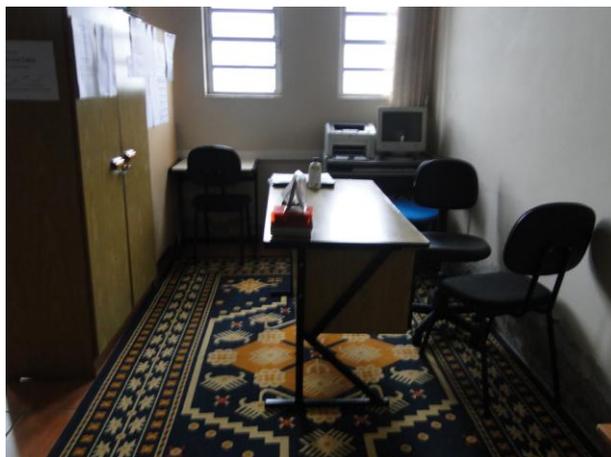


Fonte: a autora

Além da Biblioteca, funciona na sala, o serviço de orientação escolar. Essa biblioteca possui seis estantes dupla face, três mesas de escritório onde as responsáveis trabalham, sendo uma para a professora responsável pela orientação aos alunos, dois armários de duas portas, uma mesa de estudo e uma estante com periódicos. Em conversa, a responsável disse ter

aproximadamente 6 mil exemplares que estão sendo processados utilizando o programa Winisis, Cutter e CDU e neste espaço também funciona a orientação pedagógica educacional. Como mostra a foto a seguir.

Fotografia 4 - Espaço para orientação dentro da Biblioteca da escola Admar Corrêa.



Fonte : a autora

O aluno com deficiência auditiva também não costuma frequentar essa biblioteca, mas os demais alunos sim. Eles é que escolhem os livros que querem na estante. Lá os alunos tem a liberdade de escolher o material para ler e levar para casa. A biblioteca disponibiliza um banquinho para os alunos mais baixos subirem na hora de escolher o material desejado. Mas, a exemplo do que também foi visto na biblioteca anterior, fica difícil de um cadeirante se locomover no ambiente. Ele, no máximo, irá chegar até as responsáveis para solicitar alguma coisa, pois o espaço é muito pequeno.

4.3 Biblioteca Walter Robinson, Escola SANT' ANA

A única escola visitada que realmente tinha como responsável em turno integral um bibliotecário é a escola Sant' Ana, na Biblioteca Walter Robinson.

A bibliotecária responsável informou que participa do conselho de classe das turmas, e das reuniões pedagógicas e que todas as atividades passam pela coordenação, principalmente as realizadas com os anos iniciais. Na escola, segundo ela, é “tudo integrado”.

Na biblioteca são realizadas diversas atividades com os alunos, além da troca de livros e hora do conto. Segundo Silva (2005, p. 125), “as atividades vão além do empréstimo e preparo técnico do acervo porque a biblioteca pode ser utilizada como espaço pedagógico”. Logo é apresentada a foto do espaço onde são realizadas as atividades.

Fotografia 5- Mesas para atividades com os alunos na biblioteca da escola Sant’ Ana.



Fonte: a autora

Como mostrado, nas bibliotecas anteriores o espaço é pequeno. É difícil até dos caminantes se locomoverem no ambiente e, praticamente impossível de um cadeirante entrar nesta biblioteca. A seguir uma foto do espaço dentro da biblioteca Walter Robinson, localizada na escola Sant’ Ana.

Fotografia 6 - Espaço entre estante e mesa, biblioteca da escola Sant’ Ana



Fonte: a autora

Como nas demais, bibliotecas visitadas, os alunos surdos não frequentam o local, e nos últimos tempos, os alunos matriculados na escola Sant' Ana não ficam mais na escola e sim na escola Viva, onde dizem ter uma estrutura mais adequada para o atendimento e ensino para tal deficiência.

4.4 Biblioteca Suely Zogbi, Escola Barão de Cêrro Largo

A escola Barão de Cêrro Largo, tem como responsável pela biblioteca Suely Zogbi, uma pedagoga. A biblioteca tem um espaço grande diferente das outras bibliotecas visitadas, mas como as demais bibliotecas, os alunos surdos não frequentam o ambiente.

Fotografia 7 - Acervo e espaço da biblioteca Suely Zogbi, escola Barão de Cêrro Largo.



Fonte: a autora

4.5 Sobre formação e preparo dos profissionais

Em relação a ter recebido treinamento para atender alunos surdos, quase todas respondentes disseram não ter recebido treinamento nem para trabalhar com alunos surdos, e nem com qualquer outra deficiência. Afirmam que o que elas aprenderam foi na prática, no dia- a- dia, com as dificuldades que iam aparecendo. Uma respondente parece não ter entendido a questão, pois respondeu já ter atendido e não atender mais. Mesmo assim, elas demonstram fazer o melhor possível para atender os usuários da biblioteca que possuem alguma deficiência, durante o momento da visita.

Quando as responsáveis pelas bibliotecas foram questionadas, se as escolas as liberariam para fazer algum curso, para melhorar o atendimento dos alunos com alguma deficiência, apenas uma não respondeu que foi a pedagoga responsável pela biblioteca Álvaro Delfino. As demais responsáveis responderam acreditar na disponibilidade de horários por parte da escola. Mas, cada uma respondeu de forma diferente, a responsável pela biblioteca Mundo Encantado, no turno da manhã, disse que na escola procuram melhorar o atendimento aos alunos, enquanto a responsável pelo turno da tarde respondeu que uma dessas razões seria que a vice diretora possuir o curso de Libras. A responsável pela biblioteca Walter Robinson respondeu que teria bastante dificuldade e a responsável pela biblioteca Suely Zogbi respondeu que já tem colegas fazendo cursos e especializações em outras áreas.

Com essas respostas foi possível, perceber que as escolas liberam os funcionários para fazer cursos de aperfeiçoamento, mas as pessoas têm dificuldades de conciliar os horários do trabalho, curso e vida pessoal, e acabam desistindo de fazer os cursos de especialização, mas, tem alguns que fazem.

Dando continuidade a questão de cursos, quando questionados se procuraram fazer depois de formados, a maioria respondeu que não. Sendo que a responsável pela biblioteca Mundo Encantado na escola Admar Corrêa, no turno da manhã, acrescentou que tem apenas um aluno com surdez na escola e que ele comparece pouco na biblioteca, já a responsável pela mesma biblioteca, só que no turno inverso complementou sua resposta dizendo não ter feito cursos, mas por ter um filho com síndrome de Down, ela leu vários artigos e alguns livros sobre o assunto.

Por conta desse motivo ela está mais informada sobre certos assuntos, relacionados à inclusão escolar, mas não sobre surdez. De acordo com a portaria ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007 (BRASIL, 2010, p.9), na qual está escrito que a educação inclusiva

[...] é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em

relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Uma das respondentes, a pedagoga da biblioteca Suely Zogbi disse ter feito uma especialização e completou dizendo ter formação com alunos deficientes mentais. Isso nos mostra que há pouco interesse em se especializar para atender alunos especiais, ou também pode ser que haja poucas especializações para tais áreas.

Quanto à existência de um trabalho em conjunto entre pedagogo e o profissional responsável pela biblioteca, cada uma respondeu de uma forma, a responsável pela Biblioteca Álvaro Delfino respondeu que não há.

Já a responsável pela biblioteca Mundo Encantado, no turno da manhã, disse que algumas vezes trocam ideias em reuniões e que dão enfoques a esses temas na hora do conto. Já a responsável pela mesma, só que no turno da tarde disse que sim, que participa de reuniões com esses profissionais que trocam ideias e que oferecem hora do conto para as turmas “enfocando” o tema trabalhado em sala de aula.

A responsável pela biblioteca Walter Robinson diz que sim, todas as atividades são coordenadas pelo coordenador pedagógico e que participa das reuniões. Enquanto isso, na biblioteca Suely Zogbi diz que existe um interesse.

Com essas respostas ficou mais claro, que na maioria das escolas existe pelo menos um interesse, no trabalho em conjunto entre professores e bibliotecários, segundo Côrte (2011, p. 12), o professor deve participar junto com o bibliotecário da seleção de recursos de informação para a biblioteca. Contudo, há casos em que não há interesse.

Com respeito às atividades oferecidas aos alunos com deficiência auditiva, por parte da biblioteca Álvaro Delfino, foi afirmado que, por enquanto, não há nenhuma atividade. Já na biblioteca Mundo Encantado, no turno da manhã foi respondido que a coordenadora pedagógica da escola lembrou-lhe da existência de um aluno com essa deficiência na escola, mas ele frequenta pouco a biblioteca no turno da manhã e no turno da tarde no mesmo local disse que não tem alunos com essa deficiência comprovada na escola, que tem alguns com deficiência mental e já tiveram com deficiência motora.

Na biblioteca Walter Robinson, a responsável disse que nunca houve e não há atividades para alunos surdos, isso vem ao encontro com a resposta da

responsável pela biblioteca Suely Zogbi que respondeu nenhuma atividade com alunos surdos.

Com essas respostas foi possível perceber que não há nenhuma atividade voltada para alunos com deficiência auditiva, e que esses alunos não frequentam a biblioteca das escolas. Em alguns casos, as responsáveis pela biblioteca sequer sabiam da existência do aluno com surdez, somente na hora da visita é que ficaram sabendo e foram confirmar, e também houve um caso em que, na mesma biblioteca, uma profissional sabia da existência do aluno com deficiência auditiva e a outra não, na hora de responder o questionário.

Na questão onde se pergunta da existência de algum material específico para trabalhar com alunos surdos no acervo da biblioteca, na escola Frederico Ernesto Buchholz a respondente diz que os materiais disponíveis são repassados à sala de recurso. E na escola Admar Corrêa a respondente no turno da manhã disse existir pouco material para se trabalhar com deficiências, ela afirmou ter apenas livro em áudio e uma coleção trabalhando as diferenças e a inclusão social, e a respondente na mesma escola, só que no turno da tarde, se lembrou apenas do livro em áudio.

Já na escola Sant'Ana a responsável pela biblioteca disse não existir material específico e na escola Barão de Cêrro Largo a respondente disse que existe uma professora específica para tal atividade. Com essas respostas ficou comprovado, que não existe material específico para se trabalhar com alunos surdos nas bibliotecas escolares em Rio Grande, com isso fica limitado o acesso à informação por parte das pessoas com deficiência auditiva.

Isso quer dizer que deveria ter mais materiais para as bibliotecas realmente se tornarem mais acessíveis aos alunos, que possuam alguma deficiência, pois esses materiais são muito úteis para o aprendizado dos alunos independente de sua deficiência.

Em relação às dificuldades em atender alunos surdos foi unânime, todas responderam que teriam dificuldade na comunicação, pois não conhecem a língua de sinais e seria necessário que tivesse um intérprete junto com os alunos. A respondente da biblioteca Álvaro Delfino disse que até o dia da pesquisa, nenhum aluno com surdez havia sido atendido, e na biblioteca Mundo Encantado no turno da manhã respondeu que o contato é muito restrito porque ele frequenta pouco a biblioteca, e no turno da tarde respondeu nunca

ter atendido alunos com deficiência auditiva, mas que a sua maior dificuldade seria entender o que eles estariam necessitando. A responsável pela biblioteca Walter Robinson, disse que seria como chegar neles, já a responsável pela biblioteca Suely Zogbi confirmou que seria a comunicação.

Na questão realizada apenas para os profissionais com formação em Biblioteconomia, onde foi questionado sobre o currículo do curso e o atendimento de usuários com necessidades especiais, apenas a responsável pela biblioteca Mundo Encantado, respondeu. Ela disse ter feito o curso há muitos anos e no período em que realizou não havia nenhuma orientação para trabalhar com “alunos inclusos”.

Quando questionadas em relação se já existia a disciplina de LIBRAS no currículo no período de sua formação as respondentes disseram que não havia, mas que acreditam na sua importância.

No levantamento das grades curriculares do curso de Biblioteconomia no Estado do Rio Grande do Sul, ficou comprovado que a FURG tem a disciplina de LIBRAS como optativa anual, normalmente ofertada para 3º e 4º semestre e a UFRGS possui a disciplina de LIBRAS como eletiva e também é distribuída em dois semestres, na UCS não foi possível confirmar, mas parece não possuir essa disciplina, pois não foi possível identificar esta disciplina no currículo deles, talvez por ser um curso a distância.

Sobre a opinião das bibliotecárias entrevistadas em relação ao preparo dos egressos para atuar em bibliotecas escolares, foi respondido que não estão preparados, que precisam de mais conhecimentos práticos e que em alguns casos não gostam e não tem paciência para tal atividade.

No ponto que discorre sobre o preparo dos egressos para atuar com alunos especiais, a responsável pela biblioteca Mundo Encantado, disse não poder responder, e a responsável pela biblioteca Walter Robinson respondeu que não, somente com alunos surdos, mas falta instrumentação.

Na parte em que se pergunta se gostaria de deixar alguma consideração apenas duas respondentes deixaram a sua opinião que foi a bibliotecária da escola Sant’Ana, dizendo que “precisamos saber aceitar diferenças, pois o resto se conquista se batalha”, e a pedagoga da escola Barão de Cêrro Largo, que deixou uma sugestão para que “houvesse mais encontros para trocas de experiências na área e sugestões”.

Em relação à visita às escolas, foram consideradas produtivas para a pesquisa. Sendo que, a única escola que não respondeu o questionário foi à escola Viva, pois disseram não poder responder sem autorização das secretarias a qual são subordinadas.

Mesmo sem terem respondido o questionário foi possível averiguar que os alunos surdos não frequentam a biblioteca da escola, eles costumam ficar apenas em sala de aula, sem ter muito contato com os demais alunos.

Ao concluir a análise, passamos às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível averiguar que a cidade do Rio Grande possui quatro escolas de ensino fundamental atendendo os alunos com deficiência auditiva. Todas as escolas visitadas possuem biblioteca, mas, nem todas possuem um bibliotecário como responsável pelo local. A maioria das bibliotecas visitadas tem como responsáveis professores, sendo que alguns lecionam no turno inverso ao do atendimento na biblioteca. Em resposta ao objetivo geral foi possível averiguar que nem as bibliotecas, e nem os profissionais que atuam nas mesmas estão preparados para atender alunos com deficiência auditiva.

Outra observação é em relação ao acervo, pois existe pouco ou nenhum material direcionado aos alunos surdos na biblioteca. Cada responsável disse que poderia ter algum material em outros locais da escola, tais como sala recursos, ou onde estariam os profissionais especializados para o atendimento dos alunos com deficiência.

Uma coisa que foi constatada é a falta de treinamento/capacitação dos profissionais, para trabalhar com os alunos que possuem alguma necessidade especial quando começam a trabalhar nas bibliotecas escolares. Eles não possuem treinamento antes de iniciar o seu trabalho. A maioria desses profissionais, disseram que teriam muita dificuldade em se comunicar com os alunos surdos se estes frequentassem a biblioteca da escola, por não dominar ou sequer conhecer a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Através desse trabalho foi possível apurar que a maioria dos profissionais fizeram apenas a formação acadêmica, poucos deram continuidade aos seus estudos, para melhorar o seu currículo e principalmente o seu trabalho, mesmo assim, tem profissionais que fazem um bom trabalho.

Também foi possível averiguar que não existe trabalho voltado aos alunos surdos ou com alguma deficiência auditiva nas bibliotecas escolares, mas em algumas escolas existe uma cooperação entre bibliotecários /responsáveis pela biblioteca e os pedagogos, para conciliar as matérias discutidas em sala de aula, com as atividades realizadas na biblioteca, mesmo assim, tem outras bibliotecas que esse tipo de atividade não ocorre.

Para aqueles profissionais graduados em Biblioteconomia, em relação ao currículo do curso possuir a disciplina de LIBRAS, parece que acreditam em

sua importância, mas quando cursaram o curso ou não existia por ter sido há muitos anos, ou não foi possível realizá-la por ser no turno inverso ao da aula. Indo um pouco além do currículo do curso, foi possível perceber que os profissionais da área de Biblioteconomia declaram que não estão saindo preparados para atuar com alunos especiais em bibliotecas, mas parecem que a maioria dos cursos não está realmente preparada para isso nem mesmo os professores, pois falta oferta de disciplinas voltadas à acessibilidade.

Com isso foi possível averiguar que os profissionais não estão preparados para atender alunos surdos, pois faltam muitos aspectos a serem trabalhados para isso acontecer, inclusive haver uma inclusão de verdade.

Para que haja um trabalho mais direcionado aos alunos surdos, seria bom que houvesse materiais apropriados para trabalhar com eles na biblioteca, tais como livros, dicionários entre outros materiais, que além do português tenha a sua tradução em LIBRAS, para que eles possam assimilar o que estão vendo.

Se possível, que estes alunos tenham acesso a computadores com internet para acessar alguns livros de histórias infantis, e outros facilitadores, na sua vida cotidiana, pois nos dias atuais as mensagens via celular e até mesmo via computadores facilitam muito a vida das pessoas com deficiência auditiva, tanto na escola quanto em casa ou no trabalho, no caso dos que já estão trabalhando, porque é um meio de se comunicar que a maioria das pessoas irão entender.

No apêndice C, possuem algumas histórias do cotidiano infantil, com tradução para LIBRAS que as crianças podem gostar, e também o endereço de “livros unidade de surdos” onde possui indicações de diversos livros que podem ser utilizados na parte educativa.

Estes materiais podem ser encontrados no “*youtube*”, pois tem vários vídeos que podem ser utilizados para se realizar em atividade na biblioteca com os alunos.

Outra sugestão seria preparar atividades que chamassem a atenção desses alunos, tais como montar um teatro com as histórias e até mesmo com o conteúdo a ser discutido em sala de aula, pois eles memorizam mais o que vem, já que não escutam.

Mais uma sugestão é que outros alunos de Biblioteconomia ou de outra área relacionada à Educação e também da Psicologia fizessem pesquisas e atividades com os alunos que possuem deficiência, pois eles ficam muito isolados em sala de atendimento e não se socializam com os demais alunos da escola.

Com este trabalho foi possível perceber que a biblioteca ideal não existe, que é muito difícil trabalhar em bibliotecas escolares, principalmente com alunos especiais, pois falta um preparo maior por nossa parte e também por parte da escola.

Referências

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação especial. Universidade Federal do Ceará, 2010.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: CENGAGE Learning, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT NBR 15599: 2008. **Acessibilidade** - comunicação na prestação de serviços.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT NBR 9050:2004. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 9 jul. 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Marcos político-legais da educação especial: na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: Brasil- secretaria de educação especial, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Programa implantação de salas de recursos multifuncionais – novo**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817> Acesso em: 8 dez. 2014.

CAMPELLO, Bernadete Santos; VIANA, Márcia Milton; CARVALHO, Maria da Conceição et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra; DUARTE, Adriana Bogliolo Serihal et al. **Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p. 123-156, mai./ago., 2013. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Encontros+Bibli%3A+revista+eletr%C3%B4nica+de+biblioteconomia+e+ci%C3%Aancia+da+informa%C3%A7%C3%A3o%2C+v.+18%2C+n.+37%2C+p.+123->

156%2C+mai.%2Fago.%2C+2013&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a&channel=fflb&gfe_rd=cr&ei=FYS6U9bQAeiB8QeG84CICQ > . Acesso em: 26 jun. 2013.

CAMPOS, Marcia de Borba; SILVEIRA, Milene selbach. **Tecnologias para educação especial**. IV Congresso RIBIE, Brasília, 1998. Disponível em: <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt2003423195334167.PDF> Acesso em: 29/10/2014.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Sulena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado**: pessoa com surdez. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. IFLA Relatórios Profissionais, no. 24. **Diretrizes para serviços de biblioteca para surdos**. 2 ed. Editado por John Michael Day; trad. Ana Maria V. C. Duckworth. São Paulo: [USP], 2000.

FERNANDES, Sueli. **Fundamentos para educação especial**. 2 ed. revista e atualizada. Curitiba: Ibpex, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Grande do Sul» Rio Grande » Censo Demográfico 2010**: resultados parcial da amostra - pessoas com deficiência auditiva. Disponível em: <file:///C:/Users/elis/Desktop/atividades%20tcc/IBGE%20%20Cidades%20%20Rio%20Grande%20do%20Sul%20%20Rio%20Grande%20%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%202010%20%20Resultados%20da%20Amostra%20-%20Pessoas%20com%20Defici%C3%Aancia.htm>. Acesso em: 9 jun. 2014.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijui, 2007.

PINHEIRO, Danielle da Silva. **O bibliotecário e o atendimento aos usuários com necessidades especiais em unidades de informação**. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 3, 2004.

PORTELA, Miguel Ângelo Bueno; PORTELA, Daniel Arcanjo Bueno. **Acessibilidade e uso de biblioteca por usuários surdos**: estudo de caso com estudantes surdos do curso à distância de letras-libras do polo da Universidade de Brasília. Brasília, 2011. Disponível em: < <http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/2528>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

PUPO, Deise Tallarico (org); MELO, Amanda Meincke(org); FERRÉS, Sofia Pérez (org). **Acessibilidade discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Campinas –SP: Unicamp, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (18º CRE). Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.jsp. Acesso em: 21maio 2014.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SMED). Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/>. Acesso em: 21maio 2014.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas: guia de especialidades e recursos informacionais**. Brasília: Thesaurus, 2005.

SILVA, Waldeck Carneiro. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

UNESCO. **Declaração da Salamanca**. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> > Acesso em: 26 jun. 2014.

UNESCO/IFLA. **DIRETRIZES DA IFLA / UNESCO PARA A BIBLIOTECA ESCOLAR**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf> Acesso em: 26 jun. 2014.

UNESCO/IFLA. **Manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO**. 1999. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2014.

Apêndice A - Questionário utilizado para coleta de dados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Questionário elaborado para pessoas que trabalham em biblioteca escolar do ensino regular. O objetivo do presente questionário é averiguar a formação do responsável pela biblioteca e se recebem algum treinamento especializado para trabalhar com alunos especiais, o mesmo será utilizado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde já agradeço a sua participação.

Acadêmica: Elisângela Luiz

1. Escola:
2. Nome da biblioteca:
3. Responsável pela biblioteca:
4. Qual a sua área de formação?
5. Você recebe ou recebeu algum treinamento ou curso para atender alunos surdos?
6. Se você tivesse a intenção de fazer algum curso para melhorar o seu desempenho no atendimento de alunos com alguma deficiência, você acredita que a escola disponibilizaria horário para isso. Por quê?
7. Depois de formado você procurou fazer cursos para melhorar o seu trabalho com alunos especiais? Se sim, quais?
8. Existe um trabalho em conjunto entre pedagogos e profissionais responsáveis pela biblioteca? Se sim, de que tipo?

9. Que atividades são oferecidas aos alunos com deficiência auditiva por parte da biblioteca?
10. Existe algum material específico para trabalhar com alunos surdos no acervo da biblioteca? Quais?
11. Quais são as maiores dificuldades encontradas quando tem que atender alunos com surdez?

Se você não tem formação em biblioteconomia, o questionário se encerra aqui. Agradecemos sua atenção.

Se você tem formação em biblioteconomia, por favor, responda as questões seguintes.

12. Qual a sua opinião em relação ao currículo do curso de biblioteconomia e o atendimento de usuários com necessidades especiais?
13. Quando você fez o curso de biblioteconomia já tinha a disciplina de LIBRAS, como optativa? Como avalia a existência dessa disciplina?
14. Você considera os egressos do curso de biblioteconomia estão saindo preparados para atuar em bibliotecas escolares?
15. Você considera os egressos do curso de biblioteconomia estão saindo preparados para atuar com alunos especiais?
16. Gostaria de deixar alguma consideração/comentário ou sugestão para a pesquisa?

Apêndice B – tabulação dos dados

ESCOLA	NOME DA BIBLIOTECA	QUAL A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO
E.M.E.F. FREDERICO ERNESTO BUCHHOLZ	ÁLVARO DELFINO	PEDAGOGIA
E.M.E.F. ADMAR CORRÊA	MUNDO ENCANTADO	MAGISTÉRIO/PEDAGOGIA/PÓS-GRADUAÇÃO
E.M.E.F. ADMAR CORRÊA	MUNDO ENCANTADO	MAGISTÉRIO/BIBLIOTECONOMIA E PÓS EM PRÉ-ESCOLA
E.M.E.F. SANT'ANA	WALTER ROBINSON	BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA
E.E.E.F. BARÃO DE CÊRRO LARGO	BIBLIOTECA SUELY ZOGBI	PEDAGOGIA

VOCÊ RECEBE OU RECEBEU ALGUM TREINAMENTO/CURSO PARA ATENDER ALUNOS SURDOS

NÃO

NÃO (MANHA)

NÃO (TARDE)

NÃO

EU JÁ ATENDI, NO MOMENTO NÃO

SE VOCÊ TIVESSE A INTENÇÃO DE FAZER ALGUM CURSO PARA MELHORAR O SEU DESEMPENHO NO ATENDIMENTO DE ALUNOS COM ALGUMA DEFICIÊNCIA, VOCÊ ACREDITA QUE A ESCOLA DISPONIBILIZARIA HORÁRIO PARA ISSO. POR QUÊ?

NÃO RESPONDEU

ACREDITO QUE SIM, PORQUE PROCURAMOS MELHORAR O ATENDIMENTO AOS NOSSOS ALUNOS (MANHA)

ACREDITO QUE DISPONIBILIZARIA HORÁRIO PARA CURSOS. A VICE-DIRETORA TEM CURSO DE LIBRAS. (TARDE)

SIM. COM BASTANTE DIFICULDADE

ACREDITO QUE SIM, PORQUE TEM COLEGAS FAZENDO EM OUTRAS ÁREAS.

DEPOIS DE FORMADO VOCÊ PROCUROU FAZER CURSOS PARA MELHORAR O SEU TRABALHO COM ALUNOS ESPECIAIS? SE SIM, QUAIS?
NÃO
NÃO, PORQUE TEMOS APENAS UM ALUNO COM ESSA DEFICIÊNCIA E ELE COMPARECE POUCO À BIBLIOTECA (MANHA)
NÃO FIZ CURSOS, MAS COMO TENHO UM FILHO COM SÍNDROME DE DOWN, LI VÁRIOS ARTIGOS E ALGUNS LIVROS SOBRE O ASSUNTO. (TARDE)
NÃO
SIM, TENHO FORMAÇÃO COM ALUNOS DEFICIENTES MENTAIS.

EXISTE UM TRABALHO EM CONJUNTO ENTRE PEDAGOGOS E PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELA BIBLIOTECA? SE SIM, DE QUE TIPO?
NÃO
ALGUMAS VEZES TROCAMOS IDÉIAS EM REUNIÕES E ENFOCAMOS ESSES TEMAS NA HORA DO CONTO (MANHA)
SIM, PARTICIPAMOS DE REUNIÕES COM ESSES PROFISSIONAIS, TROCAMOS IDEIAS, OFERECEMOS HORA DO CONTO P/AS TURMAS ENFOCANDO O TEMA TRABALHADO EM SALA. (TARDE)
SIM. TODAS AS ATIVIDADES SÃO COORDENADAS PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO. PARTICIPO DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS.
EXISTE UM INTERESSE.

QUE ATIVIDADES SÃO OFERECIDAS AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA POR PARTE DA BIBLIOTECA?
POR ENQUANTO NENHUM
A COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA LEMBROU-ME QUE TEMOS UM ALUNO COM ESSA DEFICIÊNCIA, MAS ELE FREQUENTA POUCO A BIBLIOTECA NO TURNO DA MANHÃ (MANHA)
NÃO TEMOS ALUNOS COM ESSA DEFICIÊNCIA COMPROVADA NA ESCOLA. TEMOS ALGUNS , COM DEFICIÊNCIA MENTAL E JÁ TIVEMOS COM DEFICIÊNCIA MOTORA. (TARDE)
NÃO HOUE. E NÃO HÁ.
NENHUMA

EXISTE ALGUM MATERIAL ESPECÍFICO PARA TRABALHAR COM ALUNOS SURDOS NO ACERVO DA BIBLIOTECA? QUAIS?
OS MATERIAIS DISPONÍVEIS SÃO REPASSADOS A SALA DE RECURSO
EXISTE POUCO, LIVRO EM ÁUDIO, UMA COLEÇÃO TRABALHANDO AS DIFERENÇAS E A INCLUSÃO SOCIAL (MANHA)

MUITO POUCO, SÓ LIVRO EM AUDIO. (TARDE)
NÃO
EXISTE UMA PROF. ^a ESPECÍFICA.

QUAIS SÃO AS MAIORES DIFICULDADES ENCONTRADAS QUANDO TEM QUE ATENDER ALUNOS COM SURDEZ?
ATÉ HOJE NENHUM FOI ATENDIDO
O NOSSO COTATO É MUITO RESTRITO, PORQUE ELE FREQUENTA POUCO A BIBLIOTECA (MANHA)
NUNCA TIVE A OPORTUNIDADE DE ATENDER ALUNOS COM ESSA DEFICIÊNCIA AUDITIVA. ACREDITO QUE A MAIOR DIFICULDADE SERIA ENTENDER O QUE ESTÃO NECESSITANDO. (TARDE)
NÃO SABER COMO CHEGAR NELES.
É A COMUNICAÇÃO

QUAL A SUA OPINIÃO EM RELAÇÃO AO CURRÍCULO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E O ATENDIMENTO DE USUÁRIOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS?
JÁ FIZ BIBLIOTECONOMIA A MUITOS ANOS. NÃO HAVIA NO CURRÍCULO NENHUMA ORIENTAÇÃO PARA TRABALHAR COM ALUNOS INCLUSOS. (+25 ANOS) (TARDE)

QUANDO VOCÊ FEZ O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA JÁ TINHA A DISCIPLINA DE LIBRAS, COMO OPTATIVA? COMO AVALIA A EXISTÊNCIA DESSA DISCIPLINA?
NÃO HAVIA A DISCIPLINA DE LIBRAS. CURSEI BIBLIOTECONOMIA DE 1985 A 1988. (PRIMEIRA TURMA COM 4 ANOS DE ESTUDO) (TARDE)
NÃO. ACHO IMPORTANTE

VOCÊ CONSIDERA OS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA ESTÃO SAINDO PREPARADOS PARA ATUAR EM BIBLIOTECAS ESCOLARES?
CONHEÇO ALGUNS PROFISSIONAIS RECEM FORMADOS EM BIBLIOTECONOMIA (POUCOS), MAS A MAIORIA NÃO ME PARECE PREPARADO PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS; NÃO GOSTAM, NÃO TEM PACIÊNCIA. (TARDE)
PRECISAM DE MAIS CONHECIMENTOS PRÁTICOS.

VOCÊ CONSIDERA OS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA ESTÃO SAINDO PREPARADOS PARA ATUAR COM ALUNOS ESPECIAIS?
NÃO POSSO RESPONDER. (TARDE)
NÃO. SOMENTE SURDOS. QUER DIZER. COM INSTRUMENTAÇÃO.

GOSTARIA DE DEIXAR ALGUMA CONSIDERAÇÃO/COMENTÁRIO OU SUGESTÃO PARA A PESQUISA?

PRECISAMOS SABER ACEITAR DIFERENÇAS. O RESTO, SE CONQUISTA, "SE BATALHA".

AS COLEGAS DESTA ÁREA DEVERIAM REALIZAR ENCONTROS PARA TROCAS DE ESPERIÊNCIAS, SUGESTÕES.

Apêndice C – Sugestões de materiais que podem ser utilizados para trabalhar com pessoas surdas

Chapeuzinho vermelho <http://www.youtube.com/watch?v=Cnzlg1UT2aY>

Essa interpretação é para ilustrar aos surdos que clássicos tão belos podem ser conhecidos por eles, que não tem o mesmo acesso que ouvintes na sua infância. Essa tradução foi realizada por Natalia Romera e publicado em 29/10/2012 , contando a estória do livro todo em Libras do chapeuzinho vermelho.

Cinderela <http://www.youtube.com/watch?v=aw2ts6GfuLI>

Essa é a história infantil da cinderela traduzida para Libras por INES-Brasil, e faz parte da categoria de educação, foi publicado em 6/11/2012.

João e Maria <http://www.youtube.com/watch?v=ngloT4X2JdY>

Essa história de João e Maria está na categoria de musica, mas conta a historinha infantil traduzida para Libras, possui data de envio de 15/8/2010.

Livros unidade de surdos são indicações de livros educativos que pode ser acessado em http://www.youtube.com/watch?v=qdiy_XonxEk

O curupira <http://www.youtube.com/watch?v=1INWTTPIId4>

Neste endereço pode ser encontrado a lenda do curupira, mais um personagem famoso do folclore brasileiro, contada com o auxílio da tradução para Libras, faz parte da categoria de educação, foi enviado em 5/11/2009.

O príncipe sapo http://www.youtube.com/watch?v=B_1sPE7EzWU

Essa é mais uma estória sobre o príncipe e o sapo, contada em Libras está na categoria de música e foi enviada em 15/8/2010.

Os três ursos <http://www.youtube.com/watch?v=USgKh7vAmlo>

Os três ursos é mais uma história infantil divulgada em Libras pela INES-Brasil, foi publicada em 6/11/2012 na categoria de educação.

Anexo A

Quadro 3 - Levantamento de pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos com alguma dificuldade.

Pessoas ocupadas na semana de referência	Numero de pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de até 1/2 salário mínimo	331 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 1 a 2 salários mínimos	1288 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 1/2 a 1 salário mínimo	950 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 10 a 15 salários mínimos	68 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 15 a 20 salários mínimos	29 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 2 a 3 salários mínimos	348 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 20 a 30 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 3 a 5 salários mínimos	321 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 30 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, com rendimento de mais de 5 a 10 salários mínimos	220 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - alguma dificuldade, sem rendimento	188 pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Anexo B

Quadro 4 - Levantamento de pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos com grande dificuldade.

Pessoas ocupadas na semana de referência	Numero de pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de até 1/2 salário mínimo	56 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 1 a 2 salários mínimos	254 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 1/2 a 1 salário mínimo	165 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 10 a 15 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 15 a 20 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 2 a 3 salários mínimos	60 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 20 a 30 salários	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 3 a 5 salários mínimos	42 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 30 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, com rendimento de mais de 5 a 10 salários mínimos	20 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - grande dificuldade, sem rendimento	18 pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Anexo C

Quadro 5 - Levantamento de pessoas com deficiência auditiva na cidade de Rio Grande, acima dos dez anos que não conseguem de modo algum.

Pessoas ocupadas na semana de referência	Numero de pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de até 1/2 salário mínimo	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 1 a 2 salários mínimos	20 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 1/2 a 1 salário mínimo	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 10 a 15 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 15 a 20 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 2 a 3 salários mínimos Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 20 a 30 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 3 a 5 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 30 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, com rendimento de mais de 5 a 10 salários mínimos	-
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com Deficiência auditiva - não consegue de modo algum, sem rendimento	9 pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Anexo D – Termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, portador do RG _____ Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado (a) BIBLIOTECA ESCOLAR E SURDEZ: UM ESTUDO COM RESPONSÁVEIS POR BIBLIOTECAS DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RIO GRANDE desenvolvida pela acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande, Elisângela de Souza Luiz, sob a orientação da profa. Dra. Renata Braz Gonçalves do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Ao mesmo tempo, libero a utilização deste depoimento para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é averiguar como as bibliotecas escolares da cidade do Rio Grande e equipes que atuam nas mesmas, estão preparadas para atender alunos com deficiência auditiva.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista de característica focalizada.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
Rio Grande, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) participante: _____

Informações e contato com a pesquisadora e orientadora

Acadêmica – Elisângela Luiz

Email – elisangelaluiz@yahoo.com.br

Fone 9145 0894

Profa. Dra. Renata Braz Gonçalves

Email renatabraz@furg.br

Fone 3293 5122